

# BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**  
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**  
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.  
Dr. Antonio do Valle e Sousa.  
Conde da Esperança.  
E. Severim de Azevedo (Crispim).  
Ferreira Mendes.  
D. Jorge de Menezes.  
J. Nunes de Freitas  
Luiz Trigueiros.  
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**  
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**  
EDITOR — Carlos Abreu.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE DEZEMBRO DE 1913

N.º 358

## Theatro de S. Carlos



O Serão da Infanta  
(Musica de Ruy Coelho e libretto do sr. Theophilo Braga)

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de dezembro de 1913

### A Sessão Publica da Academia das Sciencias de Lisboa em 7 de dezembro de 1913

Não é facil conseguir dar aos leitores uma pallida ideia do brillantismo d'esta sessão em que se commemoraram os meritos de dois illustres desaparecidos da scena da vida, cujos nomes serão sempre queridos de todos que prezarem a lingua materna que, por modo tão diverso quanto brilhante e originalissimo, elles sabiam enaltecer como raros.

Depois da leitura d'um muito interessante relatorio pelo illustre secretario geral, o sr. general Pina Vidal, convidou o Dr. Teixeira de Queiroz, preclaro presidente da Academia, o senhor Julio Dantas a lér o elogio de Bulhão Pato.

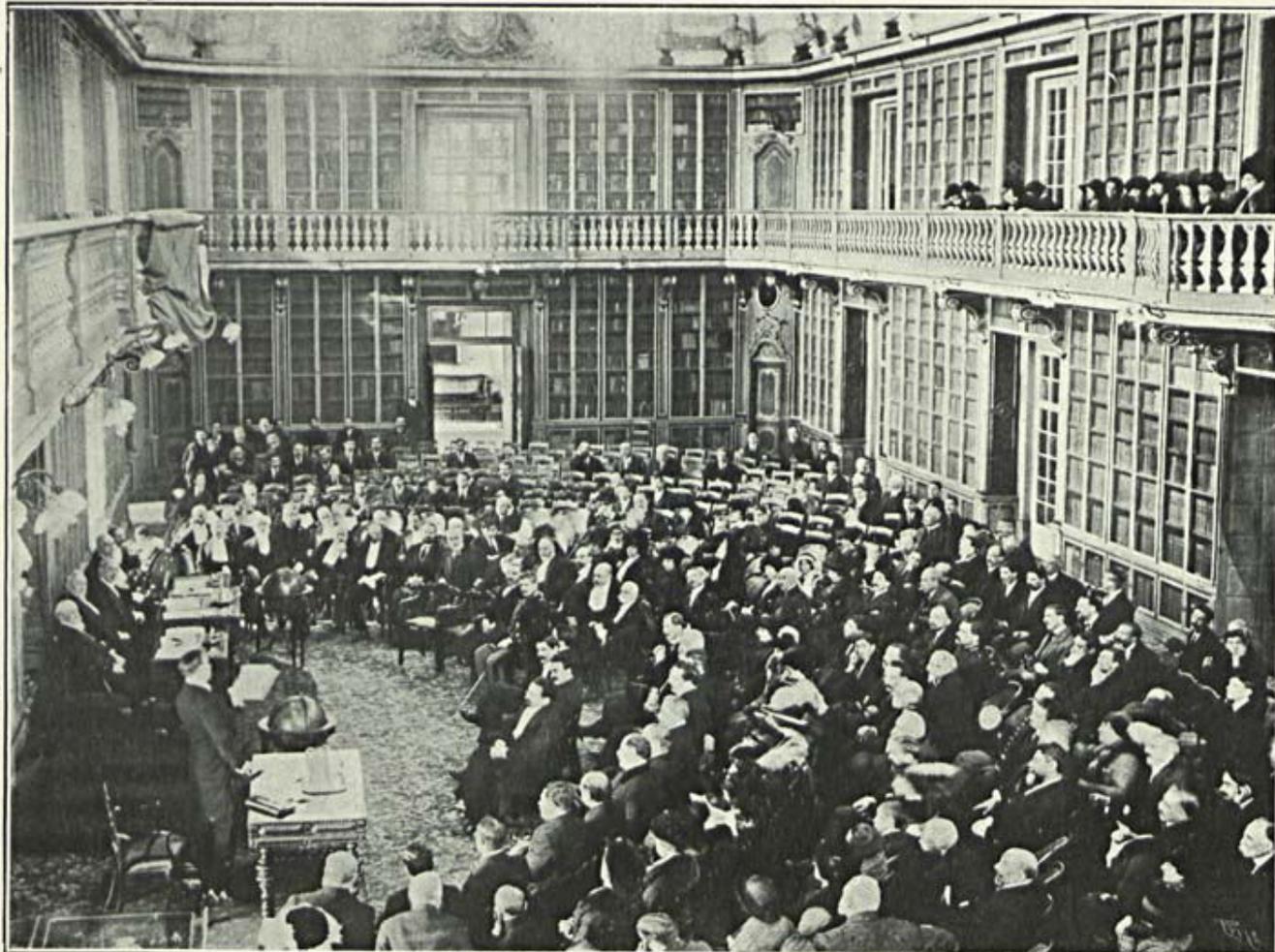
Não se faz nem se diz melhor. E' verdadeiramente um primor o trabalho do senhor Dantas, mas causou-nos magua o completo desconhecimento, que elle tinha e mostrou, do auctor das *Faiscas de fogo morto*. Sonhou-o, imaginou-o, e descreveu-o, não como realmente elle era, mas como o idealizou. Desenvolveu no seu discurso a ideia já expressa nas poucas linhas com que, no jornal *O Mundo*, acompanhou o retrato do auctor da *Paqueta*, mas não nos deu a verdade a seu respeito. Attinge-a quasi, quando nos descreve o poeta em plena mocidade, porque ahi todos nós, os que só o conhecemos velho, idealizamos tambem, procurando vêr, atravez do que elle era, o que foi; mas, ao fallar-nos de Bulhão Pato, d'aquelle que todos nós conhecemos tão bem e que o illustre aca-

demico só muito superficialmente, em rarissimos encontros, teve occasião de vêr, não lhe sobrando a de o estudar, e deixando-se impressionar pelo seu tom de voz, pelos seus gestos e pela sua opulenta cabelleira, attribuiu-lhe um feitiço moral que não foi nunca o seu. Romantico e cavalheiresco, por um acaso nascido em Hespanha, mas portuguez pelo sangue e pelo coração, Bulhão Pato era, primeiro do que tudo, um altissimo e nobre espirito aberto a todas as ideias grandes, nada anachronico, progressivo em tudo, e entusiasta por quanto na Sciencia e na Arte fosse grande e bello. Vivia isolado? fugia da convivencia? Nada disso. As portas da sua humilde casa estavam sempre abertas, e as mãos estendidas para apertar as que procurassem a sua.

Se a geração moderna o não conheceu bem, foi porque o não quiz conhecer, não porque Bulhão Pato a repudiasse. Quanta vez elle me fallou com estima dos novos em que reconhecia valor! Mas nas suas cartas encontro tambem frases como esta: «Quem se lembra de mim n'essa cynosura de genios que vae por ahi?» Achava que o esqueciam e, portuguez no orgulho e poeta no sentir, retrahia-se dolorosamente. Mas que alguém, percebendo-lhe o estado d'alma, dêsse o primeiro passo, e elle ahi estava, de coração nos labios e braços fraternalmente abertos, para lhe dar as boas vindas. Espantava quantos se lhe approximavam porque, julgando encontrar uma creatura perfectamente identica ao retrato que o senhor Dantas nos faz d'elle, davam com o espirito, vigoroso e são, d'um homem de trinta annos, sob a apparencia debil d'uma esplendida e magnifica ruina de homem gentil.

Disse ainda, e com muita graciosidade na forma, o illustre academico que a obra de Bulhão Pato, ainda em vida, tinha já o sabor d'uma obra posthuma, e passou quasi em silencio a grande obra do mestre! Não. As obras de Bulhão Pato não têm nada d'aquillo que lhes querem attribuir. São vivas, novas, palpita n'ellas um coração de moço, uma alma ardente e apaixonada. Ha d'ellas

## Na Academia das Sciencias de Lisboa

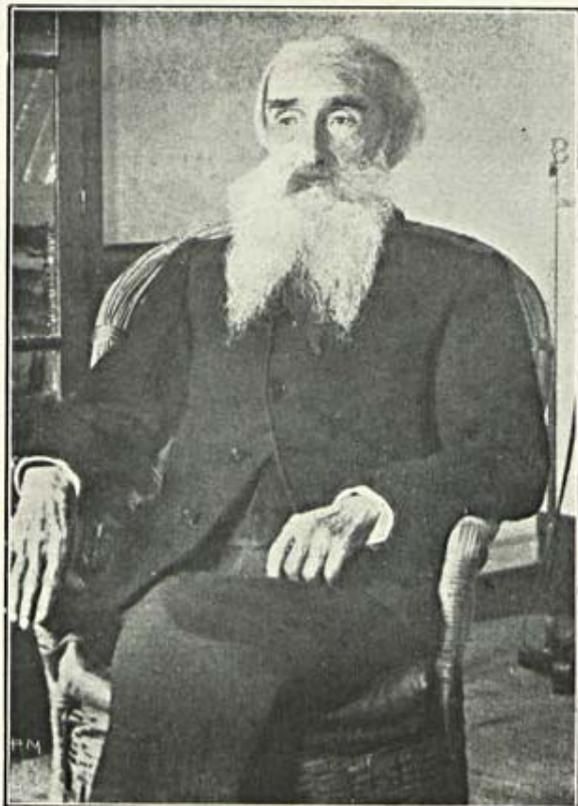


O sr. dr. Julio Dantas lendo o elogio historico de Bulhão Pato

(Phot. de ...)

muito bem a dizer, que ainda não foi dito, muita verdade incontestável para afirmar, muita justiça a fazer-se-lhe, e estou certa de que se lhe fará, quando a sua obra fór lida e analysada com o escrupulo que ella merece.

O trabalho do senhor Dantas empolgou o auditorio, Formoso,



*Bulhão Pato*

bello, encantador, digno em tudo do assumpto, só lhe faltou uma qualidade importantissima para ser perfeito em tudo: analyse directa do caracter e talento que tão brilhante e ficticiamente tratou.

Termina o discurso do senhor Dantas por dizer que Bulhão Pato, ao entrar na eternidade, poria a mão no hombro de Deus e lhe diria: «Rapaz, como vaes tu?»

Não. Se Deus existe, não era assim que Bulhão Pato se lhe approximaria. Se foi caçador e fragueiro, se passou annos perdido na solidão do monte, ouvindo no inverno bramar a tempestade e oscillar-lhe a casa ao impeto violento dos desgarrões irados da ventania, sabia tractar, como muitos outros republicanos illustres, com principes e reis, e guardar as distancias e os respetos devidos ás cathogorias da terra. Não é natural que desaprendesse, ao entrar no ceu, e dirigisse a Deus a phrase com que costumava saudar os rapazes que conhecera ao collo da ama. Isso não lhe estaria nem na educação, que era esmerada, nem no sentir, que era delicadissimo.

Não assim o elogio de Sousa Monteiro por Teixeira de Queiroz. E' um estudo consciencioso, erudito, e analytico. Teixeira de Queiroz é, em todos os seus trabalhos meticoloso, reflectido, academico. A sua phrase não tem o calor que lhe está no coração, mas transborda o coração n'ella. Tinha de Sousa Monteiro um grande conhecimento, e poz esse conhecimento ao serviço do seu trabalho. Fê-lo superiormente, e, como tudo que sahe dos bicos da sua penna, muito perfeitamente ponderado. Sabe o que diz e diz o que sabe, com aquelle brilho e pujança que desde sempre caracterizam os trabalhos de *Bento Moreno*. Uma viva satisfação me inundou a alma ouvindo a sua palavra auctorisada. Era assim que Sousa Monteiro, se vivésse, estimaria ser julgado. E' assim que elle o merece e deve ser.

Os elogios vão ser, como de costume, impressos. E, se na leitura brilhou mais a palavra esplendidamente dita do senhor Dantas, quando lidos, o estudo do senhor Teixeira de Queiroz é o que hade ficar.

MARIA O'NEILL.

### Carta de Anthero de Quental a Bulhão Pato, felicitando-o pela sua obra

S. Miguel, 25 de Maio.

*Querido amigo*

Um abraço ao amigo pelo sua lembrança, e uma duzia de duzias de abraços ao poeta e ao homem pelos seus bellos e valentes versos, que são ao mesmo tempo uma bella e nobre e viril acção.

Agora que te lapidem. Mas o futuro, onde não chegam as pedradas dos bonzos vilissimos, ha de saber que houve uma voz que se ergueu no meio do syndrio d'esses truões eruditos para lhes atirar á cara, como uma bofetada justiceira, palavras de verdade e justissima indignação. Marcaste-os na testa com o rotulo com que hão de passar á posteridade.

Meu amigo: quando a satyra amassa com o seu fel e a sua colera tanto ideal e tanta elevação moral, a satyra assume o que quer de epico, e o poeta satyrico representa no meio d'esta sociedade gangrenada uma verdadeira missão religiosa, como a representavam nas sociedades castas e nobres da antiguidade os Tyrteus e os Eschilos. A differença é que o ideal de uns ajustava-se e coincidia com a sociedade e o dos outros se lhe oppõe e a combate. Mas o principio da inspiração é o mesmo: o mais alto principio de inspiração que a poesia pode ter, o culto austero da bellesa moral da espiritalidade humana.

As tuas estrophes hão-de passar ao futuro entre as coisas verdadeiramente vivas que a poesia portugueza produziu n'esta segunda metade do seculo 19 — e desde já ficam archivadas, nos corações generosos, como a expressão d'um protesto collectivo.

No numero dos que te não applaudem só como diletanti, mas commungam no teu sentimento, está ha muito o teu

Muito amigo

ANTHERO DE QUENTAL.



**Dr. Jullo Dantas**

*Auctor do elogio historico de Bulhão Pato*

### Carta de Camillo Castello Branco a Bulhão Pato

*Meu presado amigo*

Não vivo no Porto, d'onde me veio muito retardada a tua cartinha, que muito do coração te agradeço.

Aquillo do descarrilamento era-me necessario. Eu não conhe-

cia os trez minutos de inferno mais que catholico passados dentro d'uma carruagem que se poz ás cavalleiras da machina. Os ferimentos não corresponderam ás ameaças. Estou restabelecido para qualquer outra coisa. Já experimentei dois exordios de naufragios, que é o peor que ha n'elles. Quedas de quadrupedes por fraguédos e até por lamaças e regatos tenho dado tantas que não me atrevo a apresentar-me á tua admiração como um Marialva.

Conheço tudo que faz doer a cabeça, o coração e as costellas.

Agora, para completar a escala das sensações, falta-me um incendio.

No meio de tudo isto, não te persuadas que insulto os deuses como Ajax ou o Christo como Juliano, o Apostata. Inclino a cabeça e digo com o Sancto :

*Amplius amplius Domine!*

Seide, 21 de outubro, de 78.

Teu do coração

C. C. BRANCO



D. Isabel Bernard  
esposa do poeta Bulhão Pato

### Tunica de Nessu

Podes odiar-me; inda mais,  
E muito mais!... despresar-me;  
Mas esquecer-me jamais!

Que no instante em que me viste,  
Foi sobre-humano poder,  
Na tua alma confundiste  
Meu ser com teu proprio ser!

Se te queres resgatar  
Do jugo, da escuridão,  
Olha que tens de arrancar  
Do peito o teu coração!

BULHÃO PATO.

### Trecho d'uma carta do Visconde de Castilho (Julio) a Bulhão Pato ácerca das Memorias

Assim como tu dizes que o Marquez de Niza deixava ao passar um perfume de grande senhor, assim a leitura seguida do teu livro deixa no espirito do leitor um perfume estranho, um clarão de vida, um deslumbramento de verdade. Os teus retratos sahem da tela, teem ar á roda de si; falam; pensam.

Olha que n'isto não ha exagerações de amigo, podia havel-as e eram desculpaveis; mas não ha. Ha rigor critico. Outra feição nobilissima se descobre em ti: o amor da lingua portugueza, e o

conhecimento intelligente do dizer. Tens phrases originaes, só tuas e admiravelmente cunhadas. Vê-se que a tua convivencia com Gaspar Corrêa, Bocarro, e Albuquerque, gente que vivia no tempo em que ainda se fallava só portuguez valente e genuino, te aproveitou deveras. O que tu dizes da transformação moderna da lingua, citando auctores demandados, mas incontestavelmente muito talentosos, parece-me muito exacto.

As linguas não param; e meu Pae, o Grande Mestre, alcunhado de retrogrado por quem o não comprehendia, pugnou sempre em favôr do neologismo sensato e deduzido de boa fonte.

Já no prologo das *Metamorphoses* elle se atira aos «quinhen-tistas tacanhos e apoquentados» isto é, aos que só queriam a lingua-gem obsoleta. E entretanto, a sua doutrina acha-se perfeitamente clara e as suas barreiras perfeitamente delimitadas n'uma comparação celebre que elle deixou algures. A lingua — dizia elle pouco mais ou menos — é um valente e fogoso corcel; quer andar, quer caminhar; quer adiantar-se; precisa-o. Mas, assim como o bom cavalleiro tem de soffrear attento e vigilante os desmandos do seu cavallo rebelião, encaminhal-o para onde deve ir, livral-o de perigos e de quedas, excital-o e ao mesmo tempo moderar-lhe os impetos, assim tambem o escriptor tem obrigação de dominar a sua lingua, contel-a nos limites, acautelar-se do gosto mau, acceitar só o neologismo necessario e deduzido de fonte genuina, isto é de linguas congeneres, mãe ou irmans da nossa; só assim caminhará seguro de si, com força, rapidez, garbo e elegancia.

Eu já cancei. Cheguei ao desengano. Lê e pasma: agora jogo o voltarete ás noites. E' uma prostituição — dirás tu. Não é; o voltarete é muito mais interessante do que a *Lisboa Antiga*, e tem sobre ella uma vantagem: não me acarreta o epitheto de *massador* e *seccante!* O mais que os parceiros me podem chamar é distrahido, quando dou ás manilhas um valor inferior ao seu, ou quando atiro a espadilha antes de tempo.

Grande jogo! Grande e saudavel entretenimento!  
Não me imites e continua a escrever.

10—11—1894.

### Ao filho da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Emilia Krus (F. de Azevedo)

Poeta na adolescencia  
Mal sabes quanta amargura  
Traz na vida á creatura  
Este dom da Providencia.

E' puro, alegre, singello  
O prysma de encanto e luz  
Que ás nossas almas traduz  
Quanto ha de grande e de bello.

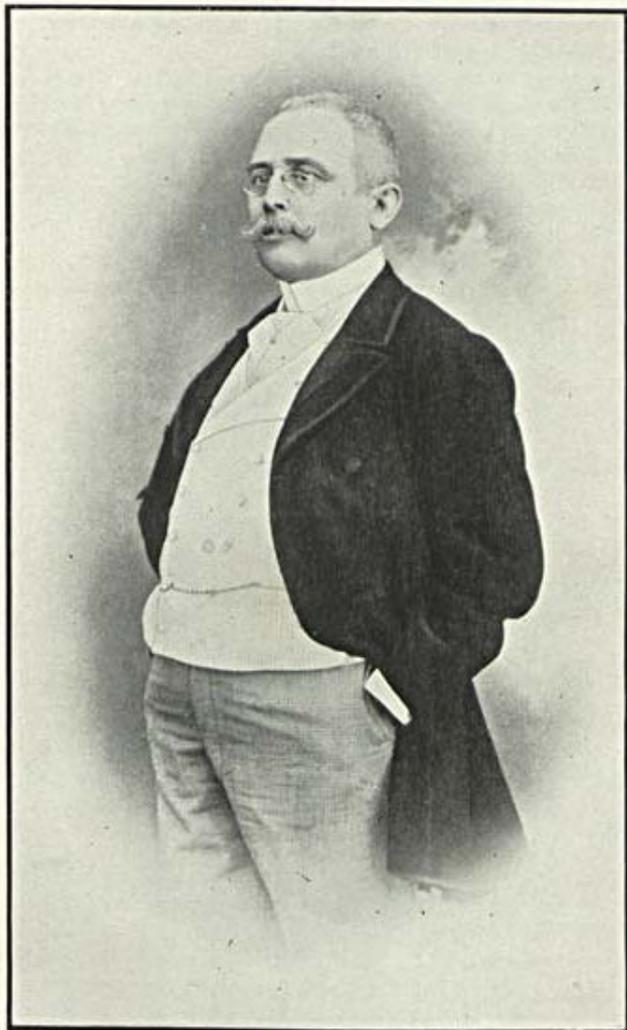
Porém depois com a idade,  
Chega um dia, vem um' hora  
Em que tudo se evapora  
E apenas resta a saudade.



Nuno de Bulhão Pato  
Sobrinho do auctor da «Paqueta»

Has-de ter visto no ceu  
Nuvensinhas matizadas  
De mil côres encantadas  
Que o sol passando lhes deu.

Basta só que se levante  
Mais rijo um sopro de vento  
Para logo n'um momento  
Perderem a côr brilhante.



*José de Souza Monteiro*

Assim se desfaz o encanto  
D'esse prysma enganador,  
Deixando apenas a dôr  
A quem n'elle cria tanto!

Colhe pois na tenra idade  
Essas flôres de poesia,  
Que ao menos terás um dia  
O seu perfume — a saudade!

20 de Junho de 1856.

R. DE BULHÃO PATO.

## A Bulhão Pato

### Um trecho de Pinheiro Chagas

A tua cabeça embranqueceu por fóra e enloureceu por dentro, e ao passo que o teu corpo deve estar por ahí nos 60 annos o teu espirito ao chegar ao canto XVI da *Paqueta* entrou n'uns floresentes 18 annos. Que privilegiado talento tens. Consola os teus amigos vêr assim a tua excellente alma, robusta e sã, produzir esses fructos.

## Dois beijos

A um recém-nascido que lá a enterrar

Dois beijos tiveste um dia . . .  
Da aurora, quando nascente,  
E á tarde quando morreste  
Do sol que tambem morria

Foi ditosa a tua sorte  
Nos instantaneos lampejos . . .  
Quantos não tem d'esses beijos,  
Nem na vida, nem na morte!

O sol no espaço d'um dia,  
Que mais podia fazer,  
Que dar-te um beijo ao nascer,  
E um beijo quando morria!

BULHÃO PATO.

## Bulhão Pato e as feministas

*Maria O'Neill, querida amiga*

Ha cêrca de 4 mezes que não saio do Monte. Esta vae a lapis porque as frieiras aleijaram-me as mãos. A Isabel ficou encantada com o teu artigo: «Nas grades d'um convento». Foi ella que m'o indicou. Li-o tambem eu. Segue no caminho em que vaes: correção de linhas, acerto de tintas, e a simplicidade da candura seductora. Terás um largo futuro diante de ti. O momento actual é passageiro. Os homens, na maior parte insignificantes; as mulheres — *as feministas*, — as nossas, pelo menos, sem sombra de talento e ridiculas.

Foge de tal peste!

Quero vêr se o frio abranda para vêr se posso passar os 80 fóra da cama.

Carnaval alegre.

Teu do coração

BULHÃO PATO.



*Dr. Teixeira de Queiroz*  
auctor do elogio historico de José de Souza Monteiro

# NO BAILE

(Da Paqueta)

Entrei no baile, quando a valsa rapida  
Corria as salas em airozas voltas!  
Das leves roupas, transparentes, soltas,  
Vivo perfume se espargia no ar!  
Parei, mirando aquellas fronte candidas,  
Que se animavam d'alegrias loucas,  
Amor calando nas graciosas boccas,  
Amor dizendo no inspirado olhar!

Corria a valsa, recrescia o jubilo!  
Era um delirio a rumorosa festa!  
O' Deus! que imagem, que visão foi esta!  
Que formosura, que mulher, ó Deus!  
Lá vae, lá foge! Na passagem celere  
Mudou-se um tanto aquelle rosto altivo:  
Via-a cobrir-se d'um rubor mais vivo,  
Volver os olhos procurando os meus!



O pae de Sousa Monteiro



A mãe de Sousa Monteiro

Volta, suspensa d'entre os braços tremulos  
Do par ditoso, que o salão percorre;  
Nos doces echos a cadencia morre;  
Cessa o delirio do girar febril!  
Parou, sorrindo! De seus olhos languidos  
O azul celeste resplandece agora,  
Como, aos lampejos da primeira aurora,  
O ceu resplende, no florido abril!

Ella num baile! Esta visão etherea,  
Vi-a: mas como, em que logar, e quando?  
Quando? Uma tarde, em que do aroma brando  
Da primavera se impregnava o ar.  
Como? Cingida d'essa luz suavissima,  
Que o sol derrama, ao expirar o dia.  
Onde? Na margem onde o mar batia,  
E ella em silencio contemplava o mar!...

Porém de novo o seu olhar, volvendo-se,  
O meu procura com profundo affecto;  
O seio virgem lhe palpita inquieto...  
O amor envolve-a em luminoso veo!...  
A valsa! A valsa! D'esta vez, sorrindo-me,  
Nos meus seus braços com ternura enlaça...  
Assim o archanjo neste mundo abraça  
O venturoso, que transporta ao ceo!

Findara o baile. No horisonte limpido  
Vinham reflexos de manhã formosa;  
Mais animada aquella voz saudosa  
Disse: — «Sou tua, meu serás tambem!»  
E ante as estrellas, que brilhavam timidias,  
Vendo os alvares do nascente dia,  
O que eu jurava, o que ella emfim dizia,  
Ninguem o disse, nem jurou ninguem!...

Herculano, escrevendo a Bulhão Pato para que este lhe arranje um attestado que o livre de fazer parte d'uma commissão de recenseamento, unia-lhe o requerimento que publicamos com o titulo *Aos medicos*, o qual demonstra que o grande escriptor, sempre grave e imponente, tambem sabia gracejar.

## Aos Medicos

A todos os amados professores da arte de curar, de Paris ou de Coimbra, a quem a presente fôr mostrada, saude, se a saude pode viver fraternalmente debaixo do mesmo tecto com a Medicina.

Chegou a occasião de eu reconhecer a utilidade da sciencia que professaes, e de dizer *procintel me*. E' o caso que me nomearam para uma commissão de recenseamento onde eu não quero pôr os pés, porque tenho cousas mais sérias que fazer. Preciso de uma dôr nevrálgica da cabeça que me ponha ás portas da morte e me inhabilite para o serviço desta amada patria do Saldanha e do Rodrigo. Serve-me qualquer outra coisa que ataque a cabeça, comtanto que tenha um nome grego arrezado e substancial. Se este papel fôr á mão do Dr. Bocage elle será o mais proprio para certificar o meu lastimoso estado, porque ha poucos dias me receitou o chloroformio para a dôr de dentes. Mas isso não obsta

a que outro qualquer faça a caridade de um estupor para livrar da apoleação ou manutenção, que o governo resolveu dar aos cidadãos portuguezes, o

HERCULANO.

## INEDITO

(Trecho d'uma carta a Bulhão Pato)

.....  
Duas vezes choro todos os dias a falta do nosso mestre: Herculano era um homem que aquecia o coração e a intelligencia. Os fracos e pequenos de espirito como eu necessitam de alguém que lhes sirva de amparo e exemplo. Sel-o aos pequenos é a missão dos grandes homens. Foram-se de junto de nós todos, e vivemos no meio de uma mediocridade tão insonsa, tão banal, tão ignorante e tão mesquinha... que decerto o melhor é ainda viver longe de tudo e de todos.

Não te rias d'esta jeremiada.

Tu que tens coração sabes e percebes o que eu sinto.

OLIVEIRA MARTINS.

## Hintze Ribeiro a Sousa Monteiro

Meu caro Sousa Monteiro

Verdadeira magua tive com a sua resposta de hoje. Sabe V. quanto o estimo como amigo, e quanto o considero pelas suas distincções de character e de espirito. E' dizer quanto eu sinto que as razões que me expõe o não deixem ser meu companheiro de ministerio. Bem pena tenho.

Emfim, creia-me sempre

Seu dedicado amigo  
HINTZE RIBEIRO

## A affectividade de Sousa Monteiro

Minha querida Concha

Agradeço-te tardia, mas affectuosamente, todas as demonstrações de amizade que, com tão encarecida prodigalidade, me enviaste no dia 20. Todas, e cada uma o foi particularmente, fôram por extremo gratas ao meu coração, que teima em não seguir o exemplo que lhe dão os meus cabelos: nem foge nem envelhece. Bem sabes que tens n'elle um logar muito amplo, muito certo e muito teu, do qual nem tu mesma embora o quizessees vehementemente, que o não queres, bem o sei, lograrás arrancar-te.

Lá estarás, minha querida Concha, até o momento da partida para "a ignota plaga, donde não ha voltar" na frase desconsolada do Hamlet; lá estarás até que no frio irreparavel e sem igual se apague e immobilise a ultima fibra d'elle. A vida com as suas vicissitudes de varia especie tem-me modificado o pensar em muita cousa, mas em nenhuma o sentir. No teu coração, sei eu tambem que tenho um logar escolhido por ti e por ti ciosamente guardado para mim. Na tua carta mais uma vez o affirmas e mais d'uma vez o tenho eu affirmado a mim proprio com agradecido jubilo. O soneto que fecha a tua amiga carta, está devéras optimo, Ha nos teus ultimos versos, nos que tenho visto pelo menos, um sensibilissimo progresso. A feitura é mais certa e mais digna de applauso.

A pequenina estrophe consagrada á Virgem no "Bem Publico" está bem lançada e bem feita. Li-a em Setubal á meza no dia 20. Trouxe-m'a o Luiz no jornal que, presumo, acabava de chegar, muito satisfeito e desvanecido, e com razão, da tua obra.

Eu depois de a ler para mim e em seguida em alta voz para os outros, acrescentei com muita immodestia, talvez, mas com muita verdade certamente: Parece feita por mim. O José, sabes o que disse? Fitou-me com intelligencia e asseverou: Apoiado! Achei-lhe, e commigo todos, immensa graça. Applaudia com a mesma palavra, a um tempo, a autora e o louvador da obrinha. Sentí muito não te vêr no dia 20. Mas eu tive o cuidado de dizer que a festa desse dia — a festa! — ficava transferida para o dia 19 de novembro e 6 de janeiro.

Espero e desejo muito, minha querida Concha, que estejas bem do terrivel incommodo de que te queixas. Trata-te que é tambem um meio de te mostrares minha amiga.

Adeus, minha querida Concha. Abraça-te affectuosamente o teu mais dedicado amigo.

SOUSA MONTEIRO.



Souza Monteiro quando estudante do Collegio de Campolide

Salve-vos Deus, Senhor. Quem uma dôr consola traz ouro, incenso e myrrha em preto ao Deus Menino; mas nada iguala em graça, em luz, em gloria a esmola que dá conforto a um triste, enfermo e pequenino.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

## Um trecho da correspondencia de Sousa Monteiro a Sousa Martins, a proposito do livro «Santo Antonio de Lisboa»:

Sousa Martins a Sousa Monteiro

Meu caro José Monteiro

Não! Não é contestavel! — nem muito nem pouco — segundo penso, a vantagem da perda atrophica das cellulas da religiosidade. Houvesse-as V. perdido e sentiria quanto é beata, e moralisadora



Souza Monteiro aos 20 annos

até, a certeza de que o *Eu* não sobrevive á organização. *Post mortem* vae elle — que só existiu em vida, como nos gazes inflammaveis a chamma só durou na constancia da combustão, — vae elle para onde estivera *ante vitam*. Vae residir diluido (tendo outras consciencias, consciencias de cohesão, de afinidade, etc.) na massa cosmica, aguardando cada um dos elementos dissociados pela corrupção cadaverica a oportunidade, que para tal ou tal elemento nunca chegará talvez, de se reunir na consciencia *vital* de alguma planta, de alguma ave, de algum homem futuro. Como o carvão, queimado agora na véla que me illumina, poderá d'aqui a um mez illuminar, com a incandescencia de uma outra sua gnição, as retinas de algum logista da Baixa, ou d'aqui a mil seculos ferir as pupillas de algum ledor, em ilhas ainda não postas a nado hoje!

Tudo isto requeria grande explanação para que me não chega o tempo, nem a V. sobrarria paciencia.

Entretanto direi ainda: horrorisa-o a V. a ideia de que, no tempo da fundação de Roma, o que hoje é a alma de José Monteiro, fosse *nada* como consciencia organica ou vital? Por onde andariam, ao tempo, disseminadas as parcelas, que constituem a sua plastica de hoje, parcelas que não são as de ha cinco ou dez annos, e não serão as suas d'aqui a outros cinco ou dez?

V. e a competente alma existiam já; mas virtualmente, e só assim, continuarão a existir depois da morte; mas então como palacio de que só existam ruinas, dispersadas.

Como me não dei mal nos sitios por onde andei antes de gerado, espero não me dar peor n'aquelles por onde houver de transitar após a propria dissolução.

Desde que percebi que nunca lograria ver o meu cadaver, fiquei mais stoico do que mestre Zenon!

Seu amicissimo e admirador muito sincero

J. T. DE SOUSA MARTINS.

A esta carta respondeu Sousa Monteiro:

Meu querido amigo

Não é contestavel! Porque V. gosa com a atrophia? Isso parece-me o mesmo que argumentar em favor da cegueira com a alegria, bastante frequente por signal, dos cegos de nascença. Falla-me

V. em gosos! Talvez. Mas os nossos? Se V. os pudesse sentir! E era bem digno de sentil-os, meu pobre amigo. Que ruim demónio se poz estupidamente a destruir no seu bello cerebro cellulas cuja perda V. nem sequer lamenta! Disse-o hontem mais feliz do que o Darwin. Desdigo-me hoje. — Bemdito desdizer! Até pareço um sabio. . . —

Muito obrigado pelas informações que me dá do meu e do seu destino ultimo. Mas em nome de quem e de que me dá V. essas informações? Aonde as foi buscar?

A respeito de finalidades a parte ante e a parte post, julguei que VV., os sabios, não sabiam nada, nada podiam ou queriam saber. Vejo que me enganei. V., com mais firmeza e convicção que o mais convicto e firme theologo ou metaphysico — *abrenunlio!* —, descreve-me o que nos ha de succeder *post mortem*, como se o tivesse visto nas suas analyses chemicas, nas suas inquirições cirurgicas. . . ! Para sabios positivistas parecia-me isso cousa ainda mais difficil do que para V. contemplar o seu cadaver. E d'ahi talvez não. De que não serão capazes sabios?

Dir-me-ha V. — ou muito habilmente me não dirá — que, no tocante a finalidades, se limitou a negar. Não se limitou, é claro. Mas quando se limitasse. A negação não envolve affirmacão? Negar não é afirmar — pelo avesso?

Até a autopsia, ouço-o; d'ahi para diante, não. N'um poeta de má morte, ruim fazedor de livros como o de Santo Antonio, comprehende-se a pretensão de conhecer o *incognoscivel* e descrevel-o. Mas n'um sabio, n'um positivista, a pretensão é. . . Deixo ao seu engenho a escolha do epitheto. Para que me serve então a mim a phantasia enferma e a V. a sciencia sã?

Phantasias de medicos devem parecer-se terrivelmente, e parecem-se, com. . . autopsias de poetas. Cruzes!

Seu velho e grande amigo  
e admirador sincero

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

### À Escola Sousa Martins

(Em Alhandra)

Escola, que vaes ter o nome que era *d'elle*,  
se o queres merecer, e merecer d'Aquelle,  
que todo bem fecunda, a benção que illumina,  
do povo, a quem dás vida, o applauso, a palma, a c'róa,  
como *elle*, que foi grande, alenta, eleva, ensina,  
como *elle*, que foi bom, ama, sorri, perdoa.

Março de 1898.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

Versos de Sousa Monteiro lidos por um dos alumnos das Officinas de S. José na presença da Senhora D. Amelia:

### A' Rainha

Chovam benções os céus sobre a Rainha!

Quem mais do que Ella tem viva a bondade?  
E' dór extincta que Ella adivinha.  
NELla a realza é feita de piedade.  
Daria alegre a purpura do manto  
para enroupar nudez, enxugar pranto;  
alegre convertêra o proprio trono  
em berço amigo do quieto somno  
de pobre, humilde, enferma creancinha.

Benções dos céus, chovei sobre a Rainha!

Lisboa, 26 de Janeiro de 1907.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

Agradecendo estes versos, a Senhora D. Amelia dignou-se enviar a Sousa Monteiro a carta que segue:

Para  
o Souza Monteiro  
da Rainha

Lisboa 27 de Janeiro de 07.



Meu caro Souza Monteiro  
Hontem, nas officinas de S. José  
e lidos por um dos rapazes  
ouvi uns versos que muito me  
commoveram, pois, apesar de eu  
não merecer o elogio que elles  
para mim contem, a elevacão  
do sentimento que os dictou  
a docura d'elles foram-me ao  
coracão.  
Perguntei e soube quem eram.  
Deizei de me admirar, e quize  
vir dizer-lhe tambem do  
fundo do coracão. Obrigada meu  
caro Souza Monteiro e sempre  
Uma muito affeicada  
Amelia

*Mel do Bymeto*

a Sousa Monteiro

Puro dizer! Não me foi dado ouvil-o . . .  
 Mas da sua palavra, no entretanto,  
 D'esse prodígio de esmerado estylo,  
 Sentí, ao lél-a, o divinal encanto.  
 Prazer supremo, de um gosar tranquillo!  
 Deleite d'alma delicado e santo!  
 Ora espumante, candaloso Nilo;  
 Ora uma brisa, ora um murmurio, um canto!  
 Bemquista flór da Hellade formosa,  
 Por mãos das Graças, para ti, colhida,  
 Tal á tua palavra luminosa,  
 Agora em terras lusas, renascida!  
 Metro divino e mais divina prosa,  
 Que até aos proprios immortaes dá vida!

FERNANDES COSTA.

## Os sentimentos religiosos de Sousa Monteiro

De José de Sousa Monteiro a Maria O'Neill

*Minha querida Concha*

Deverás já saber que Nosso Senhor quiz pôr termo á peregrinação, santa peregrinação, na terra do Dr. Russell. Deus, minha querida Concha, realisa os seus designios sem nos dar contas d'elles, nem permittir que tenhamos a pretensão de lh'as pedir. Temos de acceitar, sem discussão nem revolta, o que Elle determina. Esta acceitação não consiste em admittir o que Elle ordena e quer porque não podemos fazer, na pequenez da nossa natureza cousa diversa. A acceitação que elle quer e nos impõe é necessaria, indispensavelmente acompanhada da conformidade com a sua vontade suprema e irrefragavel. E' essa difficil conformidade que precisas ter para lhe não ser desagradavel. As revoltas do coração tambem são revoltas, e ainda que se passam só dentro de nós, recatadas dos olhos de todos, não deixam de ser condemnaveis. Não digo isto, é claro, porque receie de ti, do teu coração, que eu conheço e aprecio, tal attentado. Não, minha querida Concha, não te faço tal injustiça. Escrevo isto apenas na amiga intenção de confirmar-te em sentimentos que eu sei que tens e que são uma das razões do meu carinhoso affecto por ti. E' manifesto que Deus, na Sua infinita bondade, na incomensuravel indulgencia pela nossa fraqueza, que Elle mais conhece do que ninguem, nos não veda as lagrimas, toda a expressão viva do nosso sentimento em que haja falta de resignação, falta a todos os respeitos inexplicavel, pois suppõe a convicção de que Elle, o Deus Grande e Bom, que o é sempre, mesmo quando menos nos parece, nos deve alguma cousa. Ha nas lagrimas uma consolação infinita, que nada, que ninguem nos veda. Tem-a pois; mas conforma-te, mas resigna-te, do fundo da tua alma, do fundo do teu coração maguado. Se te levou o pobre e santo velho que era tão teu amigo, deixou-te outros corações que o não são menos. Por esse incalculavel favor tens muito que agradecer a Deus e sei que agradecerás. Resa pelo Santo que aliás não precisa das nossas orações; mas resa, e pede-lhe que alcance, já que o levou a elle, que te conserve os que dividiram entre si o affecto que elle te tinha, para que tu sintas menos a falta do que Deus chamou e tem. Quando hontem li a triste noticia, lembrei-me logo de ti. E hoje, logo de manhã, não quiz deixar de escrever-te porque sei que para ti ha balsamo nas minhas palavras, pois tu bem sabes que no meu coração ha muito carinho por ti, muito e sempre. Não quero que n'uma afflicção como a que sentirás com tamanha perda te falte esse pequenino conforto, que só é pequenino porque não sei nem posso dar melhor. Offerece a tua magua a Deus que t'a acceitará tanto mais quanto ella na sua viveza e sinceridade, fôr mais resignada. Lembra-te bem d'isto e de que resignando-te serenamente, alegrarás no ceu a alma do santo velhinho que Deus quiz premiar e darás na terra algum consolo ao teu velho e grande amigo

SOUSA MONTEIRO.

## O Papado e os seus inimigos

A existencia do Papado está intimamente ligada á existencia da Igreja de que é, por assim dizer, a pedra fundamental. Queer derrubar o Papado é, pois, tentativa inutil, porque com elle findaria a Igreja que será eterna.

Bastantes vezes, comtudo, tem sido tentada tão criminosa empreza; e ainda hoje, apesar da sorte infausta com que Deus tem punido os perseguidores da sua Igreja, não faltam Samsões que se julguem assás robustos para derrubar o magestoso Templo edificado pelo Divino Mestre e cimentado pelo sangue de tantos martyres.

O revolucionario italiano Ferrari dizia na camara dos deputados ao conde de Cavour, em 27 de maio de 1860: «Eu, que não sou suspeito de o venerar cegamente, creio fortissimo o Papado que vós julgaes morto ou quasi morto. Todos que o atacam mais animosamente, acabam mal; não foi feliz o fim de Napoleão I; não o venceram os philosophos do seculo XVIII, nem os sectarios da revolução franceza.»

Posteriormente dizia Thiers: «Todos que comem do Papa, re-bentam.» E já muito antes De Maistre, dirigindo-se a Victor Manuel I, observava «que nunca pozera a mão sobre qualquer Papa um rei que depois se podesse vangloriar de um longo e feliz reinado.» *Jamais aucun souverain n'a mis la main sur un Pape quelconque, et a pu se vanter ensuite d'un règne long et heureux.* Observou igualmente aquelle egregio auctor que os delictos dos reis e dos imperadores contra a Igreja são castigados ainda em seus descendentes, realisando-se sem duvida no filho o *delicta maiorum immeritus lues.*

Está cheia a historia de exemplos que attestam a verdade d'estas asserções. Acaso ignorarão a historia os inimigos do Papado?

M. F.

## PENSAMENTO

As pessoas de espirito muito subtil muita vez se queixam de que os seus amigos as abandonam. Uma das razões é porque desenvolvem uma dialectica tão astuciosa em todas as occasiões, que os seus amigos teem a certeza que taes homens, por injustificavel-



O Padre Russell

mente que procedam, sempre serão capazes de se justificar a si proprios. Ora nós, mortaes, somos estranhamente contrarios a amar aquelles que nunca teem culpa, e mais ainda aquelles que estão sempre promptos a provar que teem razão.

ARTUR HELPS.

## CARTAS DO RIO DE JANEIRO

XVI

## AQUEM E ALÉM-MAR

## HERCULANO

## As commemorações dos mortos illustres

«Les morts vont vite». Não. Estas palavras, tantas vezes registradas como um axioma, não representam a verdade. A verdade, incontestada e eterna, exprimi-a Camões, quando disse:

*O sabio não vae todo á sepultura.  
Na memoria dos homens vive e dura.*

**A**hi está a prova recente. Ahi está a dar-me razão o grande nome de Herculano.

Trinta e seis annos correram já sobre a sua morte, e ainda ha bem pouco tempo, d'este lado do Atlantico, a quasi duas mil leguas de distancia do logar em que elle expirou,

o seu grande nome foi evocado ante centenares de pessoas, brasileiros e portuguezes, que por egual se sentiam orgulhosos das suas nacionalidades, ao ouvirem no salão do Gabinete Portuguez de Leitura, em lingua portugueza, a analyse evocativa, ou antes o panegyrico, que outra cousa não podia ser, dada a grandeza do objectivo, da obra e da vida eminentemente portugueza, do egregio portuguez.

Não, não se esquecem os mortos quando elles tiveram o nome de Herculano e o de tantos que têm sido a gloria das duas Patrias.

A commemoração apogetica que acaba de lhe ser feita traz-me n'este momento á memoria os nomes de muitos que nas Artes, nas Sciencias, nas Armas, na alta Politica, e nas Letras, tornaram maior Portugal, que os não esqueceu e, nas homenagens posthumas com que lhes celebrou a memoria, se mostrou digno d'elles.

Têm sido de diversa natureza, mas todas no mesmo intuito glorificativo essas commemorações nacionaes. Os centenarios de Camões, de

Vasco da Gama, de Santo Antonio e do Marquez de Pombal, foram manifestações de tal grandeza que atravez d'ellas vibraram os nervos e pulsou o coração de toda uma nacionalidade. As figuras portuguezas de Camões, o poeta nacional; de Albuquerque, o Conquistador e o pacificador do Oriente; de D. Pedro IV, o libertador; dos Duques de Saldanha e da Terceira, as espadas mais gloriosas das campanhas liberaes; do Marquez de Sá da Bandeira, o emancipador dos escravos, o heroico general, o Bayard portuguez, na phrase de Herculano; de José Estevam, o orador prodigioso; de Souza Martins, o medico insigne; de Eça de Queiroz, o alto romancista; de Pinheiro Chagas, o escriptor polygrapho, erguem se nas praças e nas avenidas de Lisboa, atravez do marmore e do bronze, como que a desafiar o tempo, a servir de exemplo e a completar a Historia. No Porto, as estatuas do Infante D. Henrique, o navegador; de D. Pedro IV, que á invicta cidade legou o seu coração, e de D. Pedro V, o rei sabio e popular como seu tio D. Pedro II, do Brasil; de Soares dos Reis, o esculptor inspirado, estão ensinando a toda a hora aos laboriosos habitantes do Norte as diversas modalidades do patriotismo, as formas varias por que se póde collaborar na obra do engrandecimento nacional.

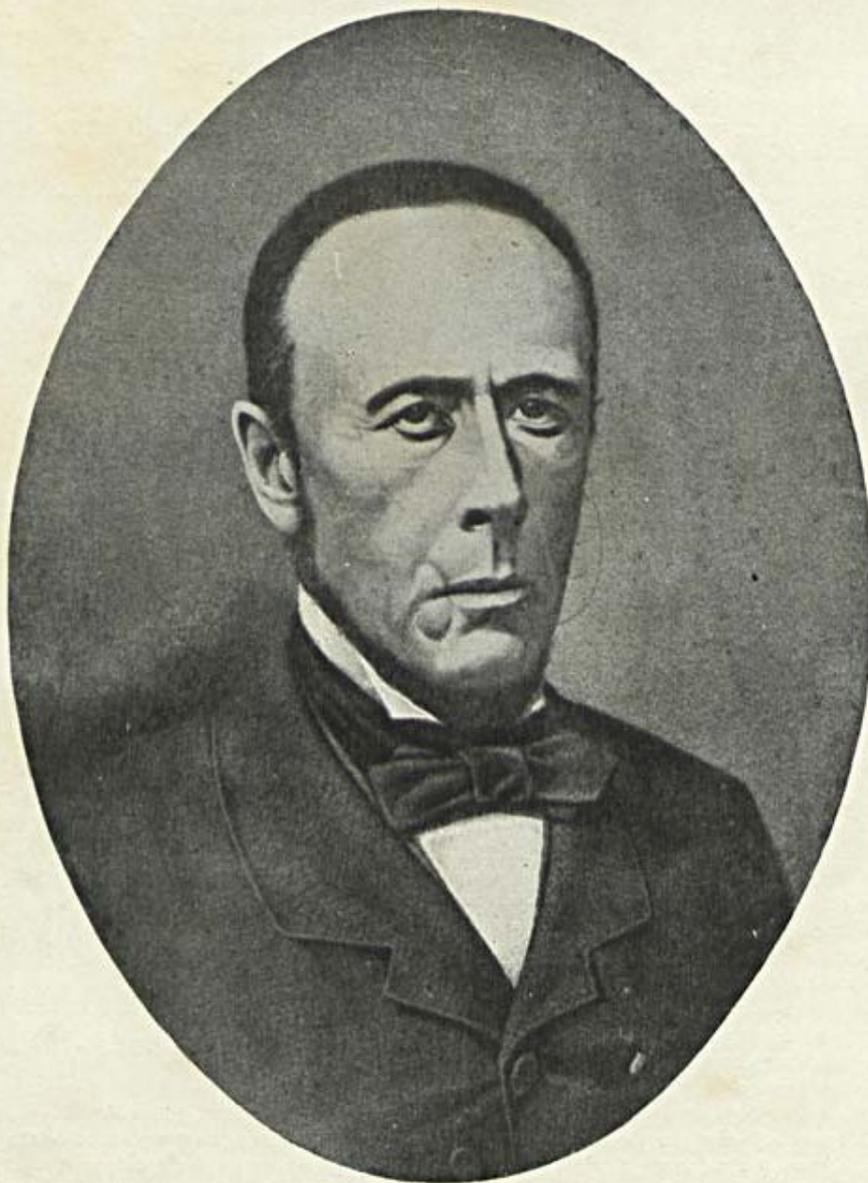
Joaquim Antonio d'Aguiar, Passos Manuel, Mousinho da Silveira, os fundadores emeritos das instituições liberaes; Bocage, o poeta genial; Sampaio, o jornalista da *Revolução*; José Estevam, glorioso filho de Aveiro, e alguns mais, dignificam com as suas estatuas as terras que lhes foram berço.

Eu bem sei que por esta fórma consagrativa ha ainda muitos vultos a celebrar. Eu bem sei que Manuel I e João II — os maiores Reis da Historia de Portugal, e Vasco da

Gama, Pedro Alvares Cabral, Bartholomeu Dias, Zarco da Camara e outros, entre os maiores de quantos navegaram os mares nunca d'antes navegados, dos que descobriram terras alargando o Planeta, ainda não tiveram no bronze consagração devida, e phantasio a impressão forte e sentida de todo o estrangeiro que, ao entrar em Lisboa, por mar, fosse vendo a margem do Tejo, ao longo do Aterro, guardada, a distancias eguaes, de estatuas dos navegadores portuguezes, que em galções e caravellas partiram ha seculos d'esse rio historico em demanda de desconhecidos mundos...

Mas... Roma não se fez n'um dia, e um dia ha de vir em que justiça se fará em Portugal aos Portuguezes a quem tem sido denegada, ou por ingratidão nacional ou por teimosia do Destino...

Mas foram apenas os centenarios e as estatuas as formas de glorificação com que, no extincto regimen, se prestou culto á memoria dos grandes vultos? Não. Outras descobriu e poz em acção a gratidão dos portuguezes. No meio de ce-



Alexandre Herculano

rimonias pomposas depoz no Pantheon dos Jeronymos os despojos de Camões e do Gama, o heróe e o cantor; de João de Deus, o lyrico e o pedagogo; de Garrett, o dramaturgo e o poeta, e na sala do Capitulo do historico mosteiro manuelino, sob a primitiva e colossal abobada, armou o magestoso catafalco, que para sempre guarda as cinzas illustres d'aquelle que em vida se chamou Alexandre Herculano.

Não era bem alli, sabem-no todos que compulsaram a sua obra de historiador e romancista, que deviam repousar esses ossos venerandos. No Mosteiro da Batalha, sim, n'esse santuario de pedra e de arte, que D. João I fizera erguer a Nossa Senhora da Victoria de Aljubarrota. Era essa época medieval, de varões fortes, de heroismos santos, de nobreza de animo, de abnegação e desapego da vida, de fortaleza na adversidade e magnanimidade na victoria, essa dura época de combates em que por assim dizer se consolidou a nacionalidade, que deu á penna de Herculano a rijeza do bronze, que seduziu o seu espirito austero e a que elle levantou um monumento eterno nas paginas do *Monge de Cister* e em tantas outras que fixam com vigor incomparavel essa gloriosa época de D. João I.

A Renascença Portugueza, que teve no descobrimento da India o seu baptismo de gloria, teve depois manchas a enodoal-a, e as delapidações, as cubicas insatisfeitas, os lenocinios, as vaidades irritadas, as injustiças commettidas, os attentados que tiveram por theatro, na decadencia o Oriente portuguez, a obra nefasta de alguns dos visoreis, não eram de molde a apaixonar a intelligencia rectilinea, o espirito austero e justiceiro, a alta e immaculada consciencia do grande Historiador. Por isso, era n'esse mosteiro historico da Batalha, ao mesmo tempo severo, como o seu caracter e rendilhado como o seu estylo, que deviam para sempre repousar junto do Mestre d'Aviz as gloriosas cinzas de Herculano.

Em 13 de Setembro de 1877 morria em Valle de Lobos o auctor do *Eurico*. Desde a sua trasladação para Lisboa, que foi uma cerimonia nacional, á qual presidiu o Duque de Palmella, a capital portugueza tem celebrado por fórmas diversas a memoria do maior escriptor portuguez do seculo XIX. Consagrou-lhe a Real Academia das Sciencias uma sessão presidida pelo monarcha, em que coube a Pinheiro Chagas, tambem historiador e romancista, fazer o panegyrico do emerito academico; e n'uma commemoração religiosa, em que officiou o Prelado de Lisboa, a eloquencia do maior orador sagrado, o Conego Alves Mendes, poz em relevo, no magestoso templo dos Jeronymos, a grandeza da individualidade litteraria e moral de Herculano.

Mas a inicial, a primeira consagração publica á sua memoria, realizou-se em Lisboa, no theatro de D. Maria, na noite de 4 de Dezembro de 1877, dois mezes e vinte e um dias depois da morte do escriptor. E é ainda com desvanecimento e recohida emoção que eu recordo essa noite famosa, em que os meus 20 annos collaboraram com a audacia sincera da mocidade na glorificação nacional do grande homem. Digo nacional, porque com effeito o era. Era uma récita de homenagem, para a qual a empreza do theatro convidára a Familia Real, o Governo, a Academia das Sciencias, o Nuncio, os diplomatas, a Sociedade de Geographia, os corpos docentes dos institutos scientificos, as auctoridades, os escriptores, os artistas, a imprensa. Representou-se o *Bóbo*, extrahido do famoso romance de Herculano. Antes da representação foi coroado o busto de Herculano, que se erguia no meio da scena, rodeado por todos os artistas, que eram os maiores d'aquelle tempo: Brazão, Virginia, os dois Rosas, João e Augusto, Carolina Falco, Cesar de Lima, Rosa Damasceno, Pinto de Campos, Emilia dos Anjos, Emilia Candida. D'estes quantos já lá vão! Eduardo Brazão, á frente da scena, recitou os versos que eu escrevera expressamente, e impossivel me seria traduzir a 36 annos de distancia a emoção que experimentei ao vér a minha pobre e incipiente musa litteraria aclamada, atravez da recitação magistral do artista, por esse auditorio selectissimo.

Não julgo descabido reproduzir hoje, com todas as suas verduras poeticas, esses versos, não todos, mas a primeira e a ultima parte:

Nunca vistes em noite horrenda e tenebrosa  
Ao forte sibilar do rijo furacão,  
Dos pinaros cahir a aguia aventureira,  
Ou ser como um caniço arremessado ao chão

O senhor da floresta, o roble viridente,  
A cujas magestades, impotentes e tristes  
Os seculos viris tinham curvado a frente?

Dizei-me: nunca vistes  
Uma pedra gigante, immensa, colossal,  
Tombar do alto da serra,  
Rolar por sobre o abysmo e aprofundar a terra  
Com o choque violento?  
Conheceis por ventura algum ruido igual  
Ao da grossa enxurrada em seu desabamento?

Pois nem o despenhar das aguas torrencias;  
Nem a furia brutal dos grandes vendavaes;  
Nem o rude baquear d'athleticas montanhas;  
Nem a fera explosão das coleras de Deus,  
Quando de subito abre as rubidas entranhas  
Na vastidão dos céos;  
Nem o embate febril de tumultuarios mundos  
Nem o tosco rugir dos vagalhões profundos,  
E' capaz de fazer ruido semelhante  
Ao que faz sobre a terra a queda d'um gigante!

Mas, ó lei providente e sabia da materia!  
E' quando o corpo cae por terra fulminado  
Que o espirito percorre a vastidão siderea.  
A alma resplandece, esvae-se o inanimado;  
Tomba o homem no pó, alevanta-se o heróe.  
E o vulto gigantesco e varonil da Historia,  
Quando mais tarde encontra os nomes immortaes,  
Dá-lhes o resplendor dos fulgidos crystaes,  
Arranca-lhes o bronze, e impavido constroe  
A estatua colossal de toda a nossa gloria!

Elle ergue-se de pé. Fitae-lhe a magestade.  
Attrae aquelle abysmo, aquelle sol deslumbra!  
Desejaes arrancar a frente, da penumbra?  
Basta que vos banheis n'aquella claridade.

Olhae para o colosso, examinae-lhe o vulto,  
Purificado já na luz da sepultura.

Não se nos afigura  
Que bate um craneo e pulsa um coração occulto  
N'esse cadaver frio? um coração que tem  
As meigas vibrações suavissimas do bem,  
E a grande rigidez dos corações antigos?  
Que nunca se dobrou ao vento da vaidade  
Como no campo os trigos,  
Quando o sopro do norte indomito os agita?  
Abriu-se dentro d'elle o óvulo da verdade.  
Nem um só coração aquelle excede ou imita.  
Tem a vasta amplidão olympica do céo,  
E as convulsões do mar patheticos e profundo!  
Sente-se latejar. Alevantae-lhe o véo;  
Vêde como s'espraia e se revolve um mundo!

Ha lá dentro vulcões, rochas, encruzilhadas,  
Abobadas de luz e fundos subterraneos.  
Ora despontam lá idyllios d'alvoradas,  
Ora se escuta o surdo esmigalhar de craneos!

Aqui remoinha a vaga em seu furor insano;  
Sente-se ao longe uivar sinistramente o lobo;  
Estorce-se de dôr um sórdido tyranno;  
Rebenta a gargalhada estridula d'um bóbo!

Um monumento aqui, além avulta um pico.  
Fustiga a escuridão da aurora o rosiclér.  
Cruzam-se armas no ar. O chão de sangue é tinto,  
Fere-se uma batalha enorme, gigantesca;  
E então, no meio d'este horrivel labyrintho,  
Ouve-se, de repente, um grito de mulher  
Que mais parece vir d'uma visão dantesca:  
E' Hermengarda que pede a protecção de Eurico!

## A conspiração monarchica



Luiz Ramos, administrador da quinta da Cardiga e, segundo se diz, um dos chefes do «complot» de Torres Novas

O vulto d'Herculano ergue-se magestoso,  
Não o turbam sequer os rudes escarcéus.  
Arde n'aquella fronte o facho victorioso!  
N'aquelle peito bate o coração de Deus!...

Hoje que a sua gloria enorme se disputa,  
E se olvidou de todo a rancorosa lucta,  
Vêde! lançaes o olhar em torno a vós, senhores,  
Vós mesmos não sereis os variados elos  
D'esse longo cordão de maguas e de dôres,  
Que elle formára quando á luz fechava os olhos  
Penetrantes como ella, estranhamente bellos?!



A quinta da Cardiga

Não vos parece ver mudadas em abrolhos  
As rosas ideaes que o grande jardineiro  
Com tanto amor plantára em vossos corações?!  
Pois não sentis que a mão rugosa de Janeiro  
Se apraz em arrancar pungentes vibrações  
A' lyra da nossa alma apaixonada e triste?!  
Da voz do campones ao estro do poeta;  
De quanto vae da terra á luminosa méta,  
Dizei-me se ha um echo  
Que não seja o da dôr que em nosso peito assiste?!

Mas, respondi tambem, artistas do futuro,  
Ah! — como isto realça o nosso nome obscuro! —  
Dizei vós se o trovão em seu ribombo enorme;  
Se a ventania agreste em seu rugido secco;  
Se a ave quando deixa os astros onde dorme;  
Se o maestro que rege a orchestra matinal;  
E se o rude bramir longinquo do Oceano,  
Não levantam ao *Genio* o magestoso hymno,  
Quando entóam n'um côro unisono, divino,  
Um nome colossal,  
O nome de Herculano?!

Rio de Janeiro, 1913.

JAYME VICTOR.

## Livros e outras publicações recebidas

### A força publica na revolução

COM este titulo foi editado pela casa Moura Marques, de Coimbra, um livro do sr. Teixeira de Sousa. E' este o segundo que o mesmo senhor publica acêrca da revolução de 5 de outubro, que derruiu a Monarchia, e ambos são uma resposta cabal á campanha de diffamação de que tem sido victima, n'um estrebuchamento de odio que não cança, n'uma sanha feroz que mal se comprehende a tres annos já dos acontecimentos que lhe deram origem!

A Monarchia cabiu porque não teve quem a defendesse; porque, como D. Carlos dizia, era uma monarchia sem monarchicos.

E' isto um ponto assente e sobre o qual todos estão de accôrdo. De quem pois, a culpa? De todos os que de longa data geriram os negocios do paiz; de todos os que dirigiram a politica portugueza, que aos odios e malquerenças sacrificaram o interesse pelas instituições que serviram.

Para que, pois, retaliações e doestos, agora que os fados se cumpriram e que os factos se consummaram?

N'um aneio de alijar responsabilidades que a todos pertenceriam, procuram os caudilhos da monarchia lançar todas as culpas do fracasso de 5 de outubro sobre Teixeira de Sousa, assacando-lhe a infamia de uma cumplicidade, que, além de tudo, representaria um aviltamento de character, dadas as funcções que desempenhava, e que, em verdade, os antecedentes da sua vida publica de modo algum auctorizam, nem sequer justificam.

Os echos d'este vaguear deprimente, foram perturbal-o no recanto das suas provincias, onde abrigava o lucto que lhe ensombrava o coração, no derruir estrondoso de uma vida inteira de persistente trabalho, e que o elevára alfim a uma situação proeminente na politica do seu paiz.

Publicou então o seu primeiro livro *Para a historia da revolução*.

A ninguem pessoalmente atacou; defendeu-se apenas da atoarda difamatoria, fazendo a historia dos acontecimentos politicos que precederam e acompanharam o 5 de outubro, documentados estes ultimos com os differentes relatos que á imprensa vieram depois da revolução; e n'um gesto indignado, escreve:

«.....»

«Para elles tudo quanto traduzia o meu estado de victima tinha por fim encobrir as «minhas responsabilidades. Perdi a posição «culminante de chefe de um grande partido monarchico, o meu logar de par do «reino, as honrarias inherentes á minha situação politica, o logar publico que tinha e de que carecia para o meu «viver e de minha familia, a situação social que de tudo derivava, «retirei-me de Lisboa para a solidão da provincia com a minha «alma coberta de infinita tristeza, demittiram e deslocaram amigos «meus, deliberaram nos synhedrios do novo regimen no meu districto não dar treguas á minha influencia politica, mas tudo isto «era feito para ..... cohonestar as minhas responsabilidades! «Puzeram em imminente risco a minha vida, apagaram o meu nome «de logares publicos onde traduzia o reconhecimento por serviços «por mim prestados, e tudo isto era para ..... cohonestar as

«minhas responsabilidades, no dizer d'aquelles que não escolheram «processos nem meios para cevarem em mim antigos rancores. E' «que procuravam ferir-me no mais nobre sentimento de um homem «de bem — a Lealdade — com uma sanha que o tempo parece não «enfraquecer na sua intensidade!»

Sobre este seu primeiro livro, tempos decorreram sem que nenhum dos n'elle visados viesse á imprensa impugnar a veracidade dos factos narrados; e apenas dois, empregados no Paço, vieram, em pontos secundarios, rectificar algumas das afirmações feitas, não das respeitantes propriamente aos dias decorridos de 3 a 5 de outubro, que todas o foram com a devida documentação, mas, e unicamente, ás que se referiam á rude campanha eleitoral movida contra o ultimo governo monarchico e em que o sr. Teixeira de Sousa demonstrava que não obstante serem servidores do Rei e ao Paço pertencerem, tinham, pelo odio que lhe votavam, promovido a dispersão dos votos monarchicos, com exclusiva vantagem dos republicanos, que assim conseguiram levar ao parlamento um maior numero de deputados, sendo 13 por Lisboa, o que maior alento

em cada pagina transluz uma indignação perfeitamente comprehensivel e justificada.

Não queremos, pela transcripção de algumas das suas passagens mais frizantes, em que o gladio da aggressão mais scintilla e fére, acirrar odios que melhor seria deixar que se esbatessem no decorrer dos tempos, que se diluissem no amargor de tantas lagrimas vertidas, que se apagassem alfim, no interesse de todos a quem a sorte foi adversa!

Não transcrevendo pois o que quer que seja que represente a aggressão, que é lancinante, bem que justificavel, limitamo-nos a transcrever, para que os nossos leitores avaliem do seu valor, uns periodos do final do seu livro, n'uma defeza que é tão palpitante de verdade que cala no mais fundo do coração.

«.....  
«Um aliado dos republicanos, eu? De quem? Como? Em que?  
«Eu que nunca, nem uma só vez na minha vida politica, tive  
«com os republicanos accordo, combinação, entendimento de qual-  
«quer especie, no governo ou fóra d'elle, no parlamento ou na

## THEATROS

### THEATRO NACIONAL — “A Honra Japoneza”



1.º quadro do 2.º acto

(Phot. de ...)

lhes deu, e melhor fundamento para no estrangeiro mostrarem a força e valor do partido republicano em Portugal.

Nos fins do anno passado, porém, em livro editado por um antigo redactor do *Correio da Manhã*, vem reproduzida uma entrevista com o ex-commandante de cavalaria 2, Alfredo de Albuquerque, em que este senhor, ao que parece, porque não o tendo recebido não tivemos occasião de o lér, mais uma vez reedita a accusação a Teixeira de Sousa, tentando demonstrar o seu entendimento occulto com os republicanos e a sua grave responsabilidade nos acontecimentos de outubro de 1910.

E' a este livro que o sr. Teixeira de Souza responde agora no seu *A força publica na revolução*.

Não se limita já então á restricta defeza; ataca por sua vez, e ataca rudemente, em geral a todos aquelles a quem attribue a campanha difamatoria que lhe teem movido, e em especial a Alfredo de Albuquerque, a quem, pela sua acção negativa e improductiva no commando de forças em 4 e 5 de outubro, attribue em grande parte o exito da revolução.

E' muito interessante o livro do sr. Teixeira de Sousa, onde

«imprensa?! Eu a quem os jornaes republicanos caricaturaram «debaixo das janellas de João Franco, dando-lhe serenatas? Eu, «que fui unicamente invectivado pelo motivo dos meus amigos em «Traz-os-Montes receberem festivamente o rei D. Carlos? Eu que «tive grandes desgostos no meu partido, porque, em 1906, recebi «festivamente em Vidago e em Chaves o rei D. Carlos, correspon- «dendo assim a um sentimento de amizade que nunca occultei? Eu «que tive de defender-me na imprensa e no parlamento contra a «aggressão republicana, que me accusára de ter feito favores ao «inglez Hinton, na questão da Madeira, a que se deu a intenção de «uma questão de moralidade? Eu que fazia excepção á *parede* dos «ministros honorarios monarchicos, concorrendo ás recepções do «rei D. Carlos por occasião da dictadura de João Franco? Era «monarchico, e como tal entendi sempre nunca me associar a actos «de qualquer natureza que enfraquecessem o regimen.

«.....  
«Alliado da revolução! Da que não vingára em 28 de janeiro, «ou da revolução latente, d'aquella revolução que me havia de

«lançar por terra com todas as minhas ambições, aniquillando a situação politica que eu conquistara em 20 annos de paixão par-tidaria, de trabalho, canceiras e sacrificios, e fazendo-me perder a situação social eminente que me dava a chefatura de um «grande partido? Aliado da revolução, eu, que d'ella, do seu triumpho havia de ser uma das maiores victimas se não fui «maior! N'esta accusação a maldade casa-se intimamente com a «estupidez.»

Não comporta a natureza e amplitude d'esta revista maiores transcrições, nem mais detidos comentarios ao livro do sr. T. de Sousa; bastará dizer que, a quem o lê, fica a nitida impressão de uma justificação completa e cabal de todo o seu procedimento no respeitante aos factos que precederam e acompanharam a revolução de outubro.

O sr. T. de Sousa é um homem de bem; e quando tão alta, publica e categoricamente affirma, sem receio de desmentido, que nunca teve entendimentos com os republicanos, a ninguém é licito

Que de saudades nos despertou o livro de Affonso Gayo, d'esses bellos tempos que ha tanto vão passados!!

Os nossos agradecimentos pela amabilidade da offerta.

J. V.

## THEATROS

**Nacional**—*Honra Japoneza*—Um applauso unanime de todo o publico acolheu esta peça de um sabôr exquisito com que se inaugurou a época do Nacional. N'ella nos dá o auctor uma ideia perfeita e detalhada dos usos e costumes do antigo Japão e d'ahi a sua originalidade. O enredo é interessante e a acção rapida e intensa, resultando em toda a peça uma nobreza de sentimentos que encanta e attrahe. Contribue para o successo o scenario, que se presta a ricos coloridos de paysagem, e os esplendorosos costumes, abundantes de ouro, seda e brocado. Tudo isto fórma um conjunto cheio de novidade, a que não estamos habituados, e que nos seduz desde as primeiras scenas. A peça entre nós foi posta com o maximo do rigor e propriedade e poucas vezes no Nacional temos visto tão luxuoso scenario e guarda-roupa. A tradução, de Mello Barreto, primorosa, e no desempenho, que foi o mais harmonico possível, temos a destacar Palmira Torres, Delphina Cruz, Ignacio Peixoto, Antonio Pinheiro, Augusto de Mello e Carlos Santos.

**Republica**—Vive ainda no nosso espirito a grata recordação das noites de arte que nos proporcionou o incomparavel actor Ermete Zacconi. Em sua honra organisou o Visconde de S. Luiz de Braga uma recita em que os artistas portugueses representaram dois actos do *Apostolo* e dois actos de *Aljubarrota*. O publico fez uma grande ovação a Zacconi, no meio do espectáculo, depois da saudação de Julio Dantas lida por Chaby e que a seguir reproduzimos:

«Pedem-me uma saudação a Zacconi:

*Ha dez dias que Lisboa culta vibra e estremece diante d'este assombroso creador de vida, d'essa verdadeira força da natureza que honra a Italia, a raça latina e o mundo. Ha dez dias que diante dos nossos olhos, n'um clarão ofuscante de realidade, passam na dalmatica dourada d'Otelo, na gravata negra de Oswald, em figuras crispadas de miseria, em figuras convulsas de dôr, um pouco da dôr, da miseria e da desgraça de todos nós. Ha dez dias que o espectro da agonia plana e palpita, como uma aza negra, sobre a nossa alma devastada, dominada, esfarrapada. Essa espantosa maquina de sofrimento e de angustia que se chama Ermete Zacconi revolveu-nos, triturou-nos nas suas rodagens colossaes. E' o gigante do assombro. E' o titan da dôr. Uma saudação a este homem teria de ser, pelo menos, tão grande, tão formidavel como ele. E' ninguém saúda o trovão. E' ninguém saúda a tempestade.*

*Mas se eu quizesse trazer-lhe, n'este momento, alguma coisa que em si contivesse e resumisse a flôr do sentimento colectivo, alguma coisa que fosse um farrapo luminoso da alma da multidão; se eu tivesse o seu poder quasi divino, sr. Zacconi, faria resurgir do tumulo a sombra dos grandes actores mortos de Portugal, seus irmãos; pediria ao velho Tasso o ardor romantico da paixão, a Rosa, pae, a centelha fidalga do «pannache», a Antonio Pedro o grito convulso da humanidade, a Tabor da um sorriso, a João Rosa uma lagrima—e, surpreendendo, arrancando, fixando n'essa centelha, n'essa paixão, n'esse grito, n'esse sorriso, n'essa lagrima, a alma ardente, a alma generosa, a alma apaixonada do povo portuguez, pedir-lhe-hia, em nome d'esse povo, que no seu caminho glorioso pelo mundo, sr. Zacconi, quando lhe falarem de Portugal, diga que Portugal soube compreendê-lo, que Portugal soube admirar-o, que Portugal quer resurgir, que Portugal quer viver, que o coração d'esta raça chorou consigo e que a paz, a bondade, o amor, como uma seara luminosa e bendita, vão, finalmente, reflorir em Portugal!»*

Despediu-se o grande actor com as peças *Novo Idolo* e *D. Pedro Caruso*, promettendo n'uma pequena allocução, que fez ao publico, que ainda uma vez viria a Portugal antes de abandonar a sua carreira artistica.

—N'este theatro representou-se ultimamente a peça em 3 actos *Papá*, já conhecida do nosso publico de quando nos visitou o actor francez Hugnet. Como em todas as peças de *Flers* e *Caillavet*, no *Papá*, resalta o espirito e o sentimentalismo, tendo o desempenho sido superior por parte de Brazão, Ferreira da Silva, Leonor Faria, Henrique Alves e Luz Velloso.

**Polytheama**—*Valsa de Amor*—O grande successo theatral da quinzena foi a inauguração d'este theatro, nas Portas de Santo Antão, cuja exploração está a cargo do intelligente empresario Luiz Pereira. Da superioridade da nova casa de espectaculos pode o leitor ajuizar pelas photographias que aqui damos, podendo affirmar-se que ella fica sendo uma das melhores de Lisboa. A peça de estreia é uma operetta allemã de originalissimo enredo e musica encantadora, tendo o desem-

### THEATRO NACIONAL — «A Honra Japoneza»



5.º quadro do 4.º acto

(Phot. de \*\*\*)

mais duvidar das suas palavras honradas, sem o estigma da calunnia.

Ao editor, o sr. Moura Marques, o nosso agradecimento pela offerta do livro.

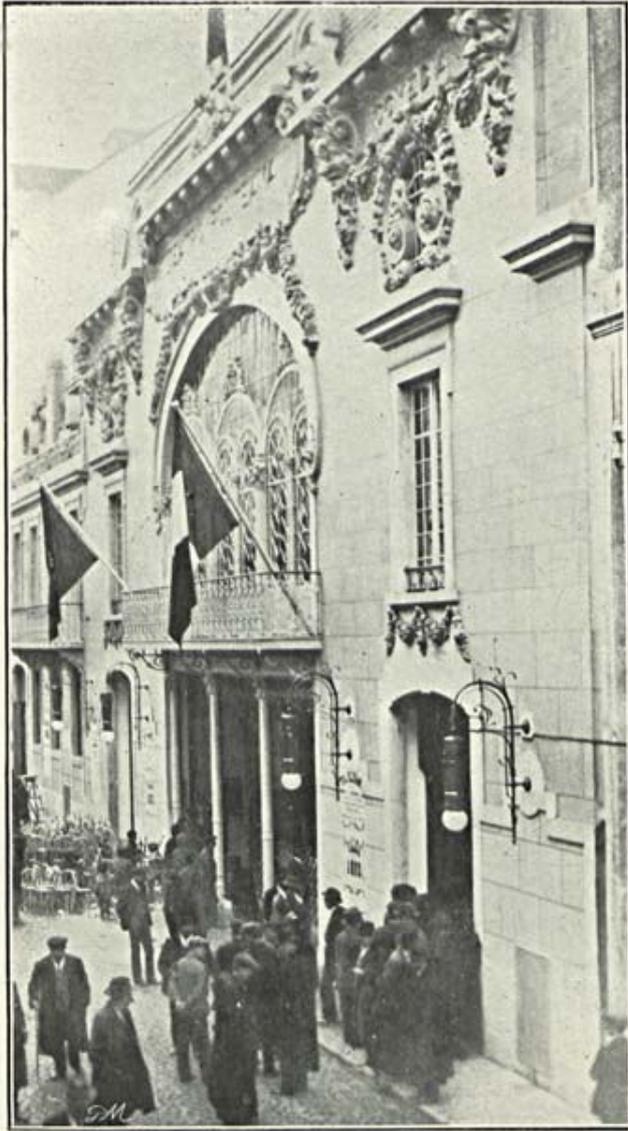
### OS NOVOS

Affonso Gayo, o bello romancista e primoroso poeta que os nossos leitores de ha muito conhecem, acaba de publicar um bello romance, *Os Novos*, em que não sabemos que mais apreciar, se a deliciosa verve com que nos descreve a vida bohemica de uns esturdios cheios de mocidade e talento, se o mimo, o sentimento que imprime a um amor casto e puro que pelo decorrer do romance se vae desenvolvendo até um desenlace que nos mareja os olhos de lagrimas!

Lê-se com delicia o bello livro de Affonso Gayo, onde o espirito esfuzia em cada pagina, onde a cada a passo encontramos um pouco de nós mesmos, um pedaço da nossa mocidade, alegre e descuidada, d'aquella mesma vida bohemica repleta de uma alegria esturdia e franca, que se foi esbatendo pelo decorrer dos annos, até se extinguir para não mais voltar!

Deliciosa de verve e de verdade a descripção do jantar em Cabo Ruivo e da ceia em casa da Marianna, uma rapariga facil e alegre, n'um 2.º andar da R. da Atalaya, precedida de uma sessão de espiritismo, em volta da mezinha de pé de gallo e... quasi ás escuras.

## THEATRO POLYTHEAMA



A fachada

penho causado verdadeira sensação, o qual estava a cargo de Cremilda de Oliveira, Elsy Rubini, Gomes, Grijó, etc., etc. Os coros afinados e a orchestra dirigida por Luiz Gomes, cuja reputação está feita. Brevemente a operetta *Toreador*.

**Avenida** — *Maridos Alegres* — Não só os *Maridos* da peça são alegres, como ella tambem. Poucas vezes em operetta temos visto peça tão bem urdida e de tanta graça, a ponto de se poder dizer que dispensava a musica, se bem que esta é tambem... alegre. Alegre fi-



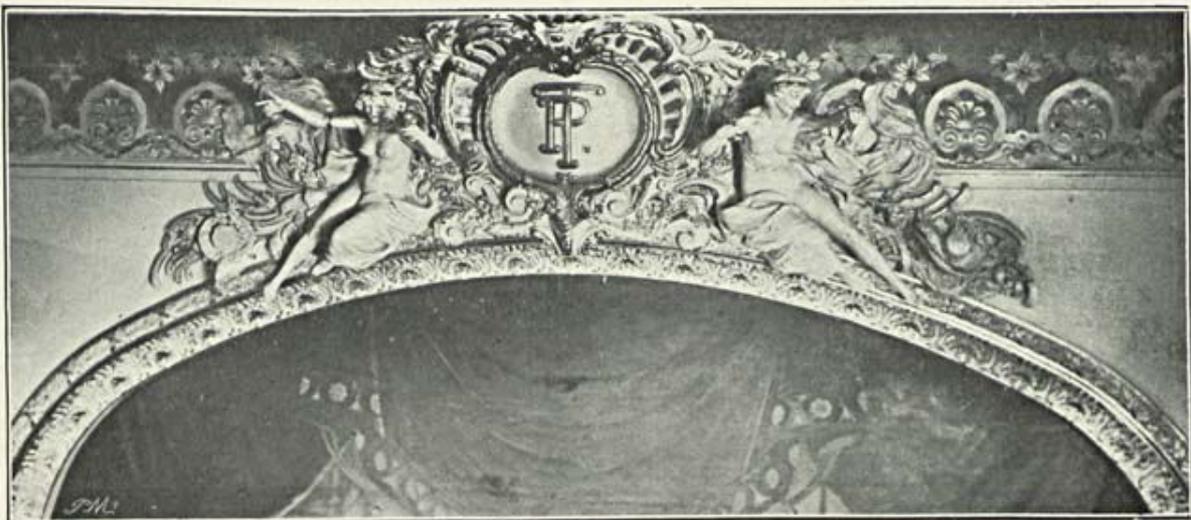
Theatro Polytheama — Elsy Rubini

cou pois o publico e alegres devem estar empzario e actores pelo excellente desempenho e pelos applausos com que o publico recebeu a nova peça que se deve conservar largo tempo no cartaz.

**Apollo** — *Chico das pegas* — Neste theatro lez-se reprise do



Theatro Polytheama — O maestro Antonio Gomes



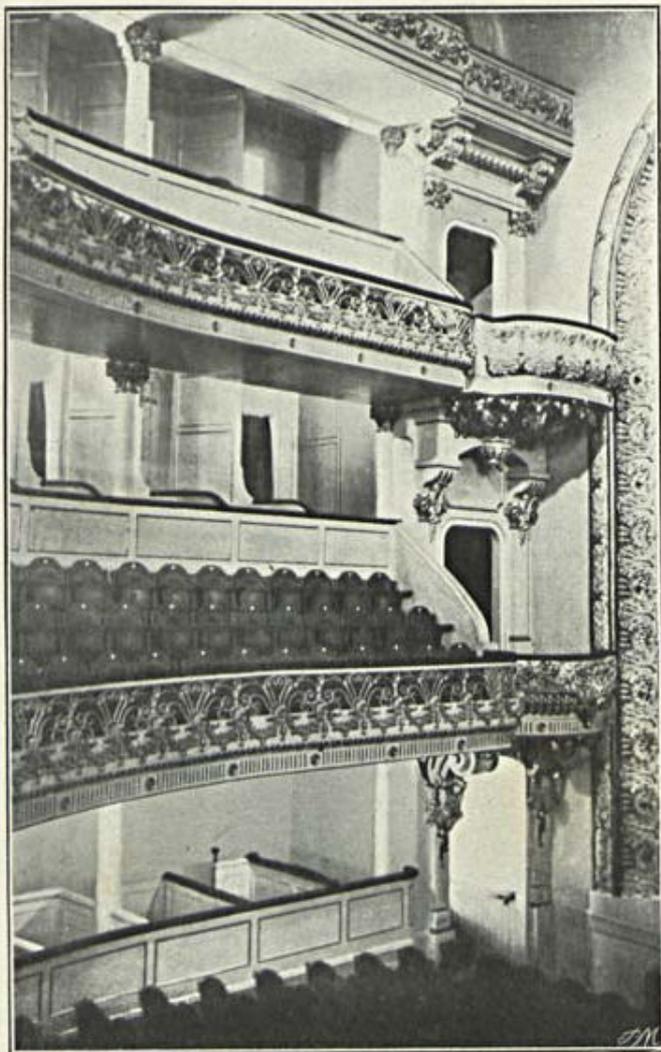
Theatro Polytheama — O arco do proscenio

(Phot. de A. C. Lima)

*Chico das Pugas*, de Eduardo Schwalbach. Da peça nada ha a dizer, pois a sua critica foi feita em devido tempo, e o facto do empresario Luiz Ruas a ter posto novamente em scena, é uma sobeja prova de quanto ella cahiu no agrado do publico. O desempenho, quasi todo

gusto Machado, no papel creado por Alegrim, Jorge Grave e Adriano Noronha.

**Gymnasio** — Com fóros de *première* realisou-se n'este theatro a *reprise* da *Madrinha de Charley*, que ha muitos annos faz as



Theatro Polytheama — Um trecho do theatro, vendo-se o balcão e os camarotes

novo, foi de molde a dar uma boa impressão, devendo especialisar-se Amelia Pereira e Nascimento Fernandes, nos seus antigos papeis, Au-



Theatro Polytheama — Actor Antonio Gomes



Theatro Polytheama — O actor Grijó

delicias do publico do Gymnasio, sendo o principal papel desempenhado por Valle. A empresa, porém, entendeu agora, e muito bem, entregar o papel a um galã, sendo escolhido o actor Mario Duarte, um novo de talento e com largo futuro no theatro, o qual se sahio airosamente da sua difficil tarefa, sendo muito bem secundado por Cardoso, Zulmira Ramos, Alegrim, Alves da Cunha, este ultimo mostrando progressos, e por todos os demais.

Brevemente teremos em scena o *Mysterio do Quarto Amarello*.

**Colyseu** — Verdadeiramente surprehendedentes os espectaculos que se estão realisando n'este Colyseu. *Robledillo*, o extraordinario equilibrista, continua conquistando em cada noite maior somma de applausos, sendo a maior celebridade artistica da Companhia. Todos os outros numeros têm tido enorme successo e d'elles destacaremos: *Manuel de Freitas*, eximio em imitações de ocarina; os artistas portuguezes *Lusos*, acrobatas de força e equilibristas; *Erald — Ott — Trio*, saltadores brasileiros; os *Macacos Comediantes*; os *Geraldos*, etc., etc.

Ruy.

Deve ser um triste dia para o joven, aquelle em que primeiro descobre que apenas pode afinal vir a ser um homem.

ARTUR HELPS.



Theatro Polytheama — O «foyer»  
(Phot. de A. C. Lima)